

# noticiário

## REAL GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA



A sessão solene em homenagem ao gen. Ramalho Eanes foi aberta pelo sr. António Rodrigues Tavares, presidente do RGPL, vendo-se ainda, a partir da esquerda, o dr. Henrique Granadeiro, os ministros Sá Machado e Vitor Constâncio, e o Embaixador de Portugal no Brasil, dr. José Eduardo de Menezes Rosa.

● Como parte da programação oficial cumprida quando da sua recente visita ao Brasil, o general Antônio dos Santos Ramalho Eanes visitou o Real Gabinete Português de Leitura, no dia 25 de maio pp., acompanhado da Primeira Dama de Portugal e dos membros da sua comitiva. Na oportunidade, Sua Excelência presenteou a Instituição com uma belíssima salva de prata, recebendo das mãos do Presidente Antônio Rodrigues Tavares uma medalha de ouro da última Campanha Financeira e o exemplar nº 1 da edição especial de "Fundamentos e Atualidade do Real Gabinete Português de Leitura".

Depois de percorrer todas as dependências do RGPL, examinando com grande interesse algumas das principais peças do acervo cultural, o Presidente Ramalho Eanes presidiu à sessão solene realizada em sua homenagem, sendo saudado pelo Vice-Presidente Vitorino Figueiredo de Almeida Campos. Com grande brilhantismo, a profª drª Maria de Lourdes Belchior Pontes, da Universidade de Lisboa, proferiu o discurso principal, reafirmando a importância dos laços culturais que unem Portugal e Brasil e rememorando a sua experiência no Rio de Janeiro, quando exercia o cargo de Adido Cultural. Por fim, em especial deferência a esta Casa, o Presidente Ramalho Eanes quebrou o protocolo e disse algumas palavras antes de dar por encerrada a sessão:

*Ontem o Brasil, e hoje Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, seguindo o seu caminho histórico e político na independência e na soberania, não diminuíram Portugal mas, pelo contrário, aumentaram-no. A língua que a todos igualmente pertence e que, dia a dia, se constrói no Maputo ou no Minho, em Luanda ou no Rio de Janeiro, representa desde já uma solidariedade real, que a diversidade dos destinos nacionais não prejudica, e que contém sem dúvida uma forte esperança cada vez maior de cooperação, amizade e concórdia, na genuína aceitação das diferenças.*

Antes de deixar o Real Gabinete, o Presidente da República Portuguesa escreveu no *Livro de Visitantes* a seguinte mensagem:

*Que a minha passagem por esta Casa seja considerada uma homenagem de Portugal a quantos patrioticamente souberam assumir a dignidade e responsabilidade histórica da cultura portuguesa no Brasil. EANES, 25 de Maio de 1978.*

● Causou grande consternação na comunidade portuguesa do Rio de Janeiro o falecimento, no dia 27 de março último, do sr. Pedro Ferreira da Silva, poeta, escritor e jornalista, que desde 1974 ocupava o cargo de Vice-Presidente da Secretaria do Real Gabinete.

Culto, de temperamento retraído e dotado de aguda sensibilidade, deixou uma considerável produção poética, tendo publicado "Prendas de Portugal" (Rio, 1956), "As voltas que o linho dá" (Poema compostre, Rio, 1961), "Ícaros Novos" (Rio, 1964) e "Aquilo que a gente sente" (Rio, 1973), além das crônicas e ensaios "Eu creio na humanidade" (Rio, 1949), "Três enganos sociais" (Rio, 1953) e "Cooperativa sem lucros. Uma experiência anarquista dentro da sociedade capitalista" (Rio, 1958).

Nascido na freguesia de Nogueira (Conc. de Maia — Distr. do Porto), em 18 de fevereiro de 1924, veio cedo para o Brasil, tendo sido, durante muito tempo, chefe da secretaria e assessor da Presidência do Clube de Regatas Vasco da Gama, época em que colaborou assiduamente na imprensa. Exercendo anteriormente o cargo de revisor, dominava com maestria o idioma vernáculo. Seu natural despreendimento tornou-o um incansável servidor da coletividade, devotando-se de corpo inteiro aos ideais comunitários, do que dá testemunho o seu livro "Assistência social dos portugueses do Brasil" (São Paulo, 1966) e o zelo com que levou a cabo o trabalho de coordenação da obra "Fundamentos e Atualidade do R.G.P.L." (Rio, 1977/78).

Pacífico, equilibrado e extremamente metódico nas suas atitudes era, no entanto, um espírito dinâmico e aberto, sempre confiante no gênero humano: "Sabemos que o horizonte não é um ponto definido. Nunca lá chegamos porque ele se afasta sempre. Mas a luz que brilha no horizonte iluminará a nossa jornada. Caminhamos para a luz, e diante dela o coração se purifica" ("Eu creio na humanidade", p. 148).



Detentor do grau de oficial da Ordem do Infante D. Henrique, foi benemérito do Real Gabinete, de cujo Conselho Deliberativo participou, desempenhando ainda as tarefas de Sub-Diretor (1972) e 3º Vice-Presidente (1973).

● Acaba de ser editada a obra **Fundamentos e Atualidade do Real Gabinete Portugêus de Leitura**, um esforço de síntese através da condensação e atualização dos antigos históricos desta centenária Instituição. Com apresentação do Presidente António Rodrigues Tavares e a paciente coordenação do sr. Pedro Ferreira da Silva, este trabalho coletivo inclui uma pormenorizada descrição do edifício sede e do acervo artístico do RGPL, pelo prof. Castro Filho. Com 280 páginas e amplamente ilustrado, o livro ocupa-se não apenas dos bens materiais da Entidade, mas do valioso patrimônio cultural e sua significação ao longo destes 140 anos.

● Abrindo o presente ano letivo com um curso intensivo sobre "Técnica Museológica", realizado em convênio com o Comitê Brasileiro do International Council of Museums (UNESCO), o Centro de Estudos do RGPL projetou uma série de cursos de extensão e atualização: maio — "Métodos e Técnicas Quantitativas na Pesquisa Histórica", pela profª Nancy Naro, da University of Chicago; "Técnicas de Microfilmagem", profª Maria de Lourdes Claro de Oliveira, da Fundação Getúlio Vargas; julho — "O Novo Rio de Janeiro", com técnicos debatendo os principais problemas do Estado; agosto — "Literatura Infanto-Juvenil"; agosto a outubro — seis cursos cobrindo as diversas épocas da Literatura Portuguesa; novembro — "Eça de Queirós — O homem, o contexto e o texto", com equipe de professores da U.E.R.J.

## EDUCAÇÃO E CULTURA

● Parecendo concordar com um antigo pensamento do arcebispo Makários, segundo o qual a vantagem da participação dos jovens na vida pública é justamente a de não terem passado, o setor de educação e cultura acaba de receber em Portugal mais uma injeção de sangue novo. Mantido o Ministro da Educação e Investigação Científica, dr. Mário Sotomayor Cardia, de 37 anos, o II Governo Constitucional chamou para a Secretaria de Estado da Cultura, em substituição ao poeta David Mourão-Ferreira, o jovem professor **António Reis**, de 29



António Reis

anos de idade. O mais novo membro do atual Governo é licenciado em Filosofia pela Universidade de Friburgo (Suíça), tendo sido redator da Revista "Seara Nova" (1970-74) e professor de História do Pensamento Contemporâneo no Instituto Superior de Estudos Teológicos (1972-74).

● As recentes eleições para as Assembléias de Representantes e os Conselhos Pedagógicos das diversas unidades do ensino superior, assinalando a participação democrática dos corpos docente e discente e do funcionalismo na vida universitária portuguesa, apresentaram grande diversificação de resultados no que diz respeito às inclinações políticas. De um modo geral a tendência dominante foi a progressão do movimento unitário de esquerda, sobretudo entre os estudantes, ficando as posições de direita mais bem marcadas entre os professores, notadamente nas Faculdades de Direito e em boa parte dos cursos técnicos. De qualquer forma, todas as listas de candidatos apresentaram como plataforma comum o interesse pela boa qualidade do

ensino, defendendo a avaliação contínua de conhecimentos.

● Com o apoio da Câmara Municipal de Oeiras, a Biblioteca Operária da cidade realizou, de 25 de fevereiro a 12 de março, uma significativa exposição bibliográfica sobre **Alexandre Herculano**, onde mais de 90% dos volumes expostos são de propriedade da Instituição.

● O poeta e professor galego **Ernesto Guerra da Cal**, autor do mais importante ensaio sobre estilística queiroziana — “Lengua Y Estilo de Eça de Queiroz” —, radicou-se em Portugal, vivendo atualmente no Estoril, depois de lecionar durante mais de três décadas em universidades norte-americanas. Trabalha numa monumental bibliografia crítica de Eça de Queiroz, cujo primeiro volume já foi publicado pela Imprensa da Universidade de Coimbra.

● Foi realizada, entre 28 de janeiro e 18 de fevereiro, na Galeria Alvarez no Porto, a **Exposição Phases**, comemorativa do cinquentenário do nascimento de António Maria Lisboa e dos 30 anos do Surrealismo em Portugal. Entre as inúmeras pinturas expostas figurou um retrato pouco conhecido do poeta, pintado por Manuel D’Assumpção em 1948-49.

● O dia 27 de fevereiro assinalou o Centenário de nascimento do dr. Francisco Soares Branco Gentil, natural de Alcácer do Sal, Catedrático da Escola Médico-Cirúrgica, foi um dos mais conceituados cirurgiões do seu tempo, notabilizando-se pelo trabalho **pioneiro** desenvolvido em Portugal no **combate ao câncer**.

● Pela primeira vez no palco, **O Crime do Padre Amaro** foi levado à cena no Maria Matos, numa adaptação de Mafalda Mendes de Carvalho e Artur Portela.

● Manuel Augusto Martins **Tristão da Silva**, popular fadista português, intérprete de grandes sucessos como “Aquele Janela Virada para o Mar”, “Nem às Paredes Confesso”, “Maria Helena”, “Se os Meus Olhos Falassem”, “Amarra Quebrada”, “Lisboa É Fado” e “Não Sei quem És”, morreu tragicamente num acidente automobilístico. Nascido em Lisboa, no Alto da Pina, em 1927, Tristão da Silva foi laureado em São Paulo, em 1961, com o Troféu “Saci”, como melhor cantor estrangeiro da temporada.

● Ainda dentro das comemorações do IV Centenário de nascimento de Rubens, a Fundação Calouste Gulbenkian promoveu uma exposição de 15 peças do pintor português José Guimarães, antigo bolseiro daquela Instituição e que, recentemente, realizara uma mostra de idêntico teor em Antuérpia.

● A UNESCO está desenvolvendo a nível mundial uma campanha para a salvação dos monumentos da **Acrópole de Atenas**, que se encontram arneados de corrosão lenta. Por intermédio da delegada portuguesa junto àquele organismo da ONU, a dr.ª Maria de Lourdes Pintasilgo, a Secretaria de Estado da Cultura propôs-se a fazer uma doação simbólica de 100 mil contos a título de contribuição para a referida campanha.

● **Sessenta anos de vida artística** foram resumidos em dezoito óleos de autoria de Carlos Botelho, expostos na Galeria de S. Mamede.

● Comemora este ano o **milésimo aniversário** de fundação o Mosteiro beneditino de Santo Tirso, mandado edificar por Dona Unisco Godiris.

● O Grupo de Pesquisas Sensoriais,, depois do espetáculo de diaporama dedicado à obra “Lendas e Narrativas”, de Alexandre Herculano, e na sequência do seu ciclo de atividades dedicado a este escritor, apresentou, nos dias 4 e 5 de fevereiro, no Círculo de Arte Plásticas de Coimbra, um espetáculo-envolvimento subordinado ao tema **Herculano Vivo ou Morto**. Devendo participar, ainda este ano, no Festival de Teatro de Bruxelas, este espetáculo é da autoria de Rui Mesquita, com encenação a realização plástica de Vítor Belém.

● Em despacho ministerial enviado para o “Diário da República”, propôs-se a criação de uma **Academia Nacional de Música**, que viria a desempenhar as funções de um instituto de ensino superior a que teriam acesso, por exame, todos os alunos que atualmente estudam nos diversos conservatórios do País, bem como os professores interessados em cursos de aperfeiçoamento. Para tanto, criou-se um grupo de trabalho para o qual foram nomeados os pianistas Sequeira Costa e Tânia Achot; duas professoras do atual

Conservatório de Lisboa, Constança Capdeville e Olga Prats; e o crítico musical José Ribeiro da Ponte, professor da Universidade Nova de Lisboa.

- Em cerimônia realizada nos Paços do Concelho, em 2 de março do corrente, Maria Velho da Costa recebeu o Prémio Cidade de Lisboa de 1977, pela sua obra "Casas Pardas". Instituído pela Associação Portuguesa de Escritores (atualmente presidida pela romancista laureada) com o patrocínio da Câmara Municipal, o prémio foi concedido este ano pela primeira vez, com o valor de 50 contos, sendo o júri constituído por Ana Hatherly, Maria Alzira Seixo, Jacinto do Prado Coelho e Fernando Castelo Branco.
- Após demoradas obras de restauro, o Teatro Nacional de D. Maria II (agora com novo nome: Teatro Nacional D. Maria II — Casa de Garrett) reabre suas portas em 27 de abril, com a apresentação de dois clássicos portugueses, dos quais uma obra inédita atribuída a Gil Vicente. Logo a seguir, deverá ser encenada a peça "Felizmente Há Luar", de Luís de Sttau Monteiro.
- A convite da Secretaria de Estado da Cultura, a famosa atriz Amélia Rey Colaço passou a colaborar com a Companhia de Teatro Popular Nacional, dirigida por Carlos Wallenstein e instalada no Teatro S. Luís.
- Em cumprimento ao acordo cultural firmado entre as rádios da Polónia e de Portugal, o maestro Silva Pereira dirigiu em Varsóvia, em março do corrente, uma série de concertos de compositores portugueses, entre os quais Fernando Lopes-Graça, Luís de Freitas Branco e Joly Braga Santos.
- O Mosteiro de Santa Maria, de Alcobaca, notável centro irradiador de cultura, onde se encontram os célebres mausoléus de D. Pedro e D. Inês de Castro, comemorou em 2 de fevereiro oito séculos de existência. Fundado pela Ordem de Cister, após outorga feita por D. Afonso Henriques, teve grande importância no desenvolvimento agrícola da região e na difusão da arte gótica. A sua rica biblioteca e o seu arquivo encontram-se hoje divididos entre o mosteiro, a Biblioteca Nacional e a Torre do Tombo.
- De 3 a 10 de março realizou-se o Concurso para Professor Titular no Setor Fundamentos da Comunicação e da Arte da Universidade Federal Fluminense. Aprovado em 1º lugar, o Prof. Dr. Antonio Sérgio Lima Mendonça obteve média final 9,9 (nove pontos e nove décimos). A tese, que foi distinguida com nota 10, denomina-se *Metáfora e Alegoria* e visa estabelecer identidades categoriais entre o pensamento de Walter Benjamin e Jacques Lacan. A banca examinadora era composta pelo Prof. Dr. Mário Camarinha da Silva (Eco-UFRJ), seu presidente, Profª Drª Malca Dvoira Beider (Fac. Educação-UFF), Profª Drª Liba Dvoira Beider (Fac. Letras-UFRJ), Profª Drª Nórdia de Luna Freire (Dept. Comunicação-UFF) e Prof. Dr. Júlio Carvalho (Fac. Letras-UERJ).
- Faleceu o professor e literato Jorge de Sena, que lecionou na Universidade da Califórnia.
- O poeta e musicólogo José Blanc de Portugal, recente Adido Cultural no Brasil, é o atual Vice-Presidente do Instituto de Cultura Portuguesa.

## RELAÇÕES LUSO-BRASILEIRAS

● Ruth Escobar, que visitou Lisboa em março, avistou-se com o "premier" Mário Soares, com o Ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. Sá Machado, e com o Secretário de Estado da Cultura, dr. António Reis, buscando o apoio necessário ao projeto que está desenvolvendo no sentido de incrementar um intercâmbio sobre teatro, música, cinema, artes plásticas e cultura em geral entre o Brasil e

Portugal. Com este objetivo, a conhecida atriz portuguesa radicada no Brasil, propôs ceder uma das salas do seu teatro de São Paulo para a divulgação da cultura portuguesa, em troca da obtenção de uma casa de espetáculos em Lisboa, onde pudessem se exibir regularmente companhias teatrais brasileiras. De acordo com declarações prestadas à imprensa lisboeta, "se a máquina burocrática portuguesa

desemperrar”, este intercâmbio poderá efetivar-se já a partir de maio, por ocasião da visita do Presidente Ramalho Eanes ao Brasil, com uma “mostra da poesia portuguesa dos últimos 50 anos, num espetáculo a ser levado à cena por artistas brasileiros”.

● Tivemos há pouco, em Portugal, o estrondoso sucesso de dois dos maiores expoentes da música popular brasileira: Elis Regina e Chico Buarque de Hollanda.

Em “show” especial, apresentado no intervalo do Festival da Canção Portuguesa, em fins de março, Elis Regina deslumbrou a platéia e a crítica especializada com o alto nível da sua interpretação, que acabou por ofuscar as apresentações de Tonicha, de José Cid e do Grupo Gemini (ganhador do Festival com “Dai-Li Dai-Li Dou”): “Não vou cair na vulgaridade de dizer que Elis Regina ganhou o festival. Ela ganhou foi ao festival. De facto, quem é que depois dos quarenta minutos da sua actuação se lembrava ainda de que tinha havido um festival e ainda faltava divulgar o nome da canção vencedora? / Desde que abriu com ‘Fascinação’ até que, de joelhos, começou a sua última canção e se foi levantando aos poucos para terminar em triunfo, a Elis Regina dominou por completo as atenções e tornou-se a rainha da festa.” (João Filipe Barbosa, *A Luta*).



Elis Regina

Sobre a apresentação de Chico Buarque, comentou Roby Amorim no *Expresso* (11-III-78): “Também aconteceu Chicó Buarque. A cores para vender ao estrangeiro, inaugurando um intercâmbio que, para já, somos nós a pagar e pelo qual se espera alguém pretenda oferecer algumas moedas. Quantos surgirão? Basicamente, em Chico é a letra, a densidade de intenções que está em jogo. Um poema rico de problemas, os reais e dramáticos problemas do Brasil de hoje, em contraponto com uma música que, para o comum dos mortais, na sua toada (tal como ele faz vibrar, não como a interpretam em jogo mais popular outros músicos) não é muito fácil. E ele próprio não se esqueceu de dizer que sua música era intraduzível com palavras de outras línguas. Daí um certo carácter ingórgio, logo à partida, da iniciativa da RTP. Para nós, portugueses, perante a ofensiva do renascimento do ex-moribundo nacional cançonetismo, foi um bem. Não só pela música marcadamente intervencionista, militante (. . .), mas também pelas palavras com que a acompanhou, no diálogo com seu compatriota teatrólogo Boal.

● O artista manauara Moacir Andrade realizou, na Galeria de Arte do Casino Estoril, uma mostra de pintura, destinando 50 % do produto da venda dos quadros à recém fundada *Associação Amigos de Ferreira de Castro*, entidade que visa divulgar a obra do escritor em Portugal e no Brasil. Por intermédio da pintora Eleanore Muriel, viúva do autor de “A Selva”, ofereceu à Casa-Museu Ferreira de Castro uma tela representando o seringal “Paraíso”, onde o notável romancista vivera alguns anos, quando da sua estada no Brasil.

● Está sendo providenciada a apresentação de Caetano Veloso em Lisboa, por ocasião da sua próxima “tournee” pela Europa.

● A Phonogram lança no Brasil o disco de Tonicha *Cantigas de uma Terra à Beira-Mar*.

## RECENSÕES

**ORPHEU 2. Maria Aliete Galhoz, org. Lisboa, Ática, 1976, 128p.**

A publicação do primeiro número da Revista *Orpheu*, em março de 1915, produziu o efeito sem o qual os movimentos de vanguarda não podem se afirmar: a reação ostensiva dos setores mais conservadores da sociedade. Essa reação é fruto da leitura, sistematicamente errada, que se faz de um movimento que tem de criar não apenas as suas obras mas o próprio modo de serem lidas.

Vendo as opiniões da imprensa da época, custa crer que seus autores não percebessem o ridículo em que iriam cair. Basta citar esta passagem do jornal *Primeiro de Janeiro* (Lisboa, 7.4.15), que só viu na revista “extravagâncias, geralmente de péssimo gosto e, na sua maioria, sem sombra de valor de arte” (p. XIII). Claro está que, por arte, o preclaro crítico af só compreendia a reprodução canhestra dos modelóides classicistas. Verdade que outro jornal logrou perceber que, com toda esta reação, estava-se fazendo “uma verdadeira reputação dos rapazes do *Orpheu*” (*Jornal da Noite*, Lisboa, 8.5.15) mas, não satisfeito em situar este *Orpheu* “nos infernos”, deixou também a sua criticazinha, classificando os poetas de “desvairados e patuscos” (p. XII). Com as informações que hoje possuímos — e exemplos como este! — chega a ser patético que movimentos de vanguarda ainda sofram reação. Pois esses reacionários já sabem, pelo fecundo exemplo de seus gloriosos ancestrais, que a história fica sempre com os inovadores — com aquelas figuras que seu tempo não foi capaz de compreender e, por isso, rejeitou.

A esta incompreensão, *Orpheu* respondeu no número seguinte, publicado em junho do mesmo ano, com textos ainda mais radicalmente revolucionários, e completamente fora da compreensão do leitor comum: poemas alucinatorios de Ângelo de Lima, então internado no hospital de Rilhafoles; uma montagem concreto-surrealista (que parece haver escapado aos nossos pesquisadores concretistas) de Mário de Sá-Carneiro; uma fantástica novela metapsíquica, de intenção estetizante, de Raul Leal; a torrencial “Ode Marítima”, fonte de escândalo, de Álvaro de Campos; um narcísico poema de Luis de Montalvor; poemas interseccionistas/sensacionistas de Fernando Pessoa; e, além da presença plástica no descritivismo de Santa-Rita Pintor, apenas duas colaborações mais acessíveis: poemas algo tradicionalistas de Eduardo Guimaraens, e a “boutade” de Armando Cortes-Rodrigues, escondido/revelado no pseudônimo feminino de Violante de Cysneiros.

Tudo isso é que a Editora Ática, de Lisboa, procura preservar e popularizar, promovendo a reedição dos três únicos números do órgão que implantou o Modernismo em Portugal. A reedição do primeiro número reproduziu as dimensões originais da revista — e não vemos por que a Editora não reproduziu também as do segundo.

Esta foi a grande tarefa histórica de *Orpheu*: “revitalizar a hipótese de uma literatura portuguesa, renovada e original, podendo existir fora dos trilhos duma moda socio-burguesa e ultrapassando a inspiração tradicionalista e os cânones do vigorismo regional” — conforme Maria Aliete Galhoz (p. LXI) na sua meio desordenada Introdução (se a Revista é de 1915, como faz 25 anos em 1935?). Com isso, *Orpheu* promoveu a atualização literária de Portugal, integrando o país no amplo movimento renovador que já se irradiava pela Europa no início deste século.

Pedro Lyra

**DIÁRIO (volume XII), de Miguel Torga, Coimbra, edição do Autor, 1977. 206 pp.**

Miguel Torga, o poeta ermitão, lança mais um volume do seu “Diário”, o 129º Rebelde por opção e humanista por vocação, o autor de “Bichos” parece capitular frente a uma nova realidade que se revela descompassada do sonho. Se é um fato que Torga sonhou, e muito, com a revolução, também não é menos verdade que cedo se desencantou dos cravos e dos sorrisos.

Mudou Portugal ou mudou Miguel Torga? Pergunta meio óbvia, talvez. Ambos mudaram. Porém se Portugal explora agora novos espaços políticos, o poeta mantém o seu ritmo que, longe de ser lento, recusa concessões às contradições, de ontem e de hoje.

Torga exige coerência absoluta, total. Qualquer desvio, e são muitos os desvios, provoca a exasperação do poeta.

Não é muito simpático o retrato de Torga sobre a sua terra. Vejam esta sua frase: "Os estrebuchões que a Pátria dá no hospital revolucionário a que a reduziram." Seria esta frase uma contradição do Torga progressista? Não necessariamente. Já que o poeta não desceu da montanha para receber os louros da vitória, tudo lhe é permitido. Pois que o Autor permanece onde sempre esteve, entricheirado num férreo individualismo, pleno de versos humanistas, os quais oferece permanentemente a seu povo e sua gente.

"A velhice é isto: ou se chora sem motivo, ou os olhos ficam secos de lucidez", explica o fero escriba. Mas não se alegrem em demasia os cozeiros das mutações sociais, por assim dizer. Miguel Torga mantém viva a velha chama, simplesmente rejeita o oportunismo dos que "após caído o regime inquisitorial, ficaram sem pretexto para se furtar ao exercício da sinceridade".

A dúvida existencial invade. Torga e ele confessa: "Hoje é que dou razão a meu pai. Hoje é que compreendo a sua renitência à minha vocação de poeta. Não era uma prevenção contra a poesia; era uma precaução contra mim mesmo". Sim, o mundo não dá razão a Torga para se sentir seguro na sua "vocação de poeta", e essa hesitação ainda revela o purismo do seu ser, até porque a sua dúvida é para nós a maior certeza da sua permanente coerência.

Miguel Torga sente, ou melhor, pressente a morte física, e confessa, com uma lucidez absoluta, após o retalhamento de mais um pouco do seu próprio ser material: "Mais uma operação. Este meu pobre corpo parece um mostruário de cicatrizes. Reduzido a um monte de ossos cobertos de tecido conjuntivo, sem polpa, já quase só sinto bater o coração nos versos que escrevo". Como se vê, uma lucidez que se projeta no amanhã, suplanta o político, para se entranhar no sempre fascinante tempo literário.

E o nosso Torga vai por aí fora, gritando, maldizendo, lamentando, mas sempre com uma preocupação didática e uma boa dose de humanismo, documentando o tempo triste de um povo que escapou de morrer afogado para cair inerte nessa "nesga de terra, devorada do mar", para citar novamente o poeta, em outro livro seu.

Enfim, não é muito vislumbador de futuros, o "Diário" de Miguel Torga. Mas a poesia continua lá sempre presente em tudo que o poeta toca. E reconheçamos: diários diáfanos e sedutores, só os das virgens e das vestais. O dia a dia dos homens maduros, que padecem ao dizer a verdade nua e crua, são sempre mais pesados e dissonantes. Como o diário de Torga. E como o diário da vida, aliás.

José Alberto Braga

**ESPAÇO DO INVISÍVEL II (Lisboa, Editora Arcádia, 1976 309 pp.) e ESPAÇO DO INVISÍVEL III (Lisboa, Editora Arcádia, 1977 309 pp.), de Vergílio Ferreira.**

O lançamento de ambas as obras num intervalo de tempo pequeno entre si, nos permite (se não nos obriga mesmo) a uma análise global, para confirmarmos ou informarmos a preferência de Vergílio Ferreira, por alguns tópicos no plano da cultura.

Mentém-se nelas a divisão em duas partes: temas e leituras e configuram não só o interesse do A, por aspectos culturais de sempre ou da atualidade, da mesma forma que nos oferecem inquietante proposta para estudarmos e aferirmos das influências ou incidências ou, como prefere Vergílio Ferreira, do "encontro" com figuras do campo da filosofia, da ficção, da poesia, da crítica literária e da filmografia.

Por exemplo, no plano da cultura e do humanismo, os "encontros" com Foucault, Teilhard de Chardin, Eduardo Lourenço, parecem como os mais significativos, ao nível geral. Já no plano da ficção, a que se associam problemas de cultura do ser, os capítulos dedicados a Raul Brandão, Sartre, Camus, Saint Exupéry e Malraux, resultam capitais porque, no plano literário ou extraliterário, aí residem os grandes encontros dos romances de Vergílio Ferreira. Mas onde releva de importância a aproximação com ficcionistas portugueses (ao lado de Raul Brandão), reside na identificação com um romancista e um poeta: Eça de Queirós e Fernando Pessoa. Deste, já tínhamos lembrado incidências de sua poesia em Vergílio Ferreira, a partir de *Cântico Final* ou na sua fase que podemos chamar, "malgré-lui", de existencialista. O encontro com "Eça de Queirós é evidente na sua carreira ficcional especialmente em *Mudança*. Aliás, já tive oportunidade de afirmar



algures que Vergílio Ferreira é um Eça de Queirós do século XX, respeitadas as naturais diferenças temáticas e o alcance na visão dos dramas do ser.

Mas fundamentalmente, ele próprio o reconhece, é principalmente ele-mesmo (romancista, ensaísta e contista) mais o que se lhe veio acrescentando nos "encontros" com outros escritores ou com "problemas" gerais da cultura:

É o que aliás, lucidamente afirma no capítulo:  
"Para uma auto-análise":

*Assim Eça e os brasileiros; Dostoiewski e Malraux; Joyce, Kafka, Beckett e o Novo Romance serão os três marcos da minha viagem os três grupos de autores em que até hoje melhor me reconheci". Mas é possível que de tudo o que variamente me veio definindo algo tenha resistido para uma constante identificação, uma permanência no que se alterou. E esse algo, naturalmente, sou eu próprio.*<sup>1</sup>

Uma leitura crítica, do romance, da ficção e do ensaio de Vergílio Ferreira, nos mostra que em outros dois escritores ele se terá reconhecido, embora neste passo não o "reconheça", e que são dois dos seus mais importantes encontros adentro da realidade cultural portuguesa: Raul Brandão e Fernando Pessoa. Basta ver quanto em temática e em linguagem ele se encontra com os autores d'Os Pobres e d'a Mensagem, respectivamente.

Como se está a ver todo o trabalho que pretenda situar as coordenadas do romance de Vergílio Ferreira, num carácter amplificante, inquestionavelmente deverá levar em conta, a necessidade da revisão das obras de tão significativos escritores, Eça de Queirós e Raul Brandão, injustamente, quase que totalmente esquecidos e Fernando Pessoa, ainda, resistindo, mercê não tanto da problemática dos heterônimos, mas da antecipação de problemas hoje atualíssimos, como os da comunicação (e incomunicação), da angústia e da relatividade dos seres e das coisas.

Outros temas de ambos os livros assinalam quanto Vergílio Ferreira está atento a candentes e permanentes questões: o desgaste da pintura, do livro e do filme; a problemática do "eu", a morte de Deus, o existencialismo, a palavra, o pensamento, o estruturalismo, como se vê, um leque enorme de temas que interessam, não só ao estudioso da literatura como ao da cultura, num plano amplo e profundo.

Da ampla variedade dos tópicos e da profundidade com que Vergílio Ferreira os trata, deduz-se um intelectual perfeitamente sintonizado com os graves problemas da filosofia, da arte e em particular, da literatura.

Alguns tópicos se destacam amplamente, por exemplo o carácter existencial em alguns escritores. Remontando a Homero, passando por vários filósofos ou A. eça a identificação de tal corrente literária em vários autores portugueses, desde Bernardim Ribeiro, Camões, passando por Raul Brandão, atingindo Fernando Pessoa e Herberto Helder, no século XX. Num plano, com carácter de maior abrangência, como existencialistas, escritores como Kafka, Dostoievski, Tolstoi, Goethe, Herman Hesse, Clarice Lispector, Beckett, Saint Exupery, Fernando Pessoa, para não citar os próprios filósofos, que num aspecto ou noutro, se revelam existencialistas: Heidegger, Kierkegaard, Jaspers, Sartre.

Outro tópico que interessou sobremaneira nestes ensaios, foi a problemática da morte, em várias e variadas direções. A propósito, afirma em "Ao Terceiro dia":

*Morte de Deus, morte do homem, morte da cultura, morte da arte. Ao que poderíamos acrescentar outras mortes conexas ou secundárias como a da "consciência" ou do "eu", a da História, o do simples "real"; ou até mesmo — quem o diria? — a do próprio Marx, segundo a linha exegética de Althusser. . . O panorama aberto ao homem de hoje é assim o de um vasto cemitério.*<sup>2</sup>

Em toda a linha de reflexão de Vergílio Ferreira, seja sobre temas gerais e atuais da cultura, o que temos é uma consciência crítica, no sentido socrático de por tudo em questão. O escritor sempre pensa por si, e seu pensamento situa-se numa área de não comprometimento com o que analisa, recusando-se sempre a qualquer forma de alienação. Como já disse Fernando Namora sobre seu colega de geração, não peçam a Vergílio Ferreira uma literatura e um ensaio ameno, neutro. Seja no estudo específico de um tema da cultura (a pena de morte, o filme, o livro, a pintura, o estruturalismo, o "eu", a morte de Deus) seja no estudo monográfico de um escritor (Raul Brandão, Fernando Pessoa, Eça de Queirós, Eugénio de Andrade) aparece sempre o profundo sentimento e o lúcido pensar do ser que não renuncia à palavra questionadora e de constante e severa indagação.

<sup>1</sup> Espaço do Invisível — II, p.p. 19.

<sup>2</sup> Espaço do Invisível — II, p.p. 121.

E o que se percebe em toda esta postura reflexiva de Vergílio Ferreira é a evidência de duas facetas nestes Espaço do Invisível II e III: a presença constante do humanista, a defender o humano contra a corrosão da tecnologia e da tecnocracia, o existencialista (mesmo à revelia) e igualmente o metafísico a propor e repor as questões básicas, e transcendentes do ser, no confronto da mera vivência histórica com a transcendência no ser no contínuo interrogar-se sobre o significado maior de sua presença no mundo:

*Mas a pergunta básica, o ponto de partida (ou, se se quiser, o ponto último de chegada donde se há de regressar ao ponto de onde se partiu) é ainda e sempre o "Quem sou?" ou se se prefere, o "Como sou?" sendo que este "como" tem menos a ver com a estrutura radical e originária do ser que somos. Assim, pois, uma complexa e vária problemática se nos abre em consequência da análise a que submetemos a estrutura do homem.*<sup>3</sup>

Assim é que, seja nos temas em que Vergílio Ferreira se debruça sobre os amplos problemas da cultura, seja nas leituras, onde se opera o debruçar sobre expoentes da literatura, da filosofia, o que temos sempre é a presença de uma lúcida consciência continuamente preocupada com os problemas essenciais do ser, deixando, naturalmente, para segundo plano os aspectos do urgente.

Constituem portanto, o Espaço do Invisível II, e o Espaço do Invisível III, obras de urgente e imprescindível leitura, pois situam-se nos pontos mais altos do atual ensaísmo em Portugal.

João Décio

**RAIZ & UTOPIA, nº 2, vários, Lisboa, Livraria Bertrand, 1977, 208 pp.**

Na capa, "Raiz & Utopia" define-se como uma revista "crítica e de alternativas para uma civilização diferente". Mas não fica por aí a definição. Na contracapa, os diretores Antonio José Saraiva e Carlos L. Medeiros revelam melhor a proposição: "Raiz & Utopia" não propõe uma nova doutrina no plano político e ideológico em que se exibem os atores do dia a dia. Não contribui para o discurso dominante. Tampouco alinha com o que é moda chamar "ciência". Recusa a ilusão do "progresso" considerando que a famosa "marcha da humanidade" é um comboio num túnel em forma de funil. Os problemas de raiz estão hoje escamoteados no discurso tecnoburocrata. É preciso mudar radicalmente a problemática a partir do quotidiano, transformar a atitude do espírito perante as coisas. A utopia não é um impossível: é um norte, a leste ou a oeste das ilusões confortáveis que hoje são servidas como ópio às massas resignadas".

Gente importante empresta sua colaboração a esta revista. Além dos citados José Saraiva e L. Medeiros, temos Helena Vaz da Silva, Antonio Moniz, Antonio Ramos Rosa, José Baptista, Amaro da Costa, Eugénio de Andrade, Teresa Sá, Alberto Vaz da Silva e outros. Como destaque especial, um texto inédito de Fernando Pessoa.

A proposição de "Raiz & Utopia" já está perfeitamente delineada em sua contracapa. Nem esquerda, nem direita, muito menos o progresso, entendendo como tal a evolução vigente, cheia de contradições políticas e científicas. É preciso mudar (para salvar), a utopia é possível desde que sonhada a partir de sua origem, da raiz. Tudo pode começar do zero, aqui e agora ("hic et nunc"). É o que nos sugere Antonio José Saraiva e seus companheiros.

"Raiz & Utopia" deve ser entendida como mais uma revista experimental, não mais do que isso. Do nada fez Deus o mundo, dizem. Mas "Raiz & Utopia" não nasce do nada, muito pelo contrário, surge de um bem determinado contexto político português. Que seus responsáveis queiram deixar marcada uma dúvida política ideológica, é um direito que lhes assiste. Mas não poderão eliminar um passado próximo, que por sinal sugere este "afunilamento" ideológico. Porque "Raiz & Utopia" surge após a perplexidade sugerida por três anos de revolução.

Entre outros acespipes, "Raiz & Utopia" nos dá poesia experimental, ensaios políticos e filosóficos, cartuns, humor, e até — pasmem — receitas culinárias. Muitos são os ingredientes para um resultado disperso, mas certamente instigante. Entre os assuntos que destacamos neste número 2 da revista, há uma "Carta por uma sociedade de Justiça a Leste" (András Hegedis), "A Sete e o Anel" (Antonio José Saraiva), a poesia de Anto-

<sup>3</sup> Espaço do Invisível — II, p.p. 38-39

nio Ramos Rosa e Eugenio de Andrade, os textos de Antonio Moniz, e a "E(qui)VOCAÇÃO DE ABRIL", textos políticos retirados dos jornais, selecionados por C. Ventura e M. A. Pires, que juntos denotam um quê humorístico. De salientar ainda as ilustrações de Henrique Manuel, que contêm a dose certa da sátira provocativa. Embora montada num equívoco (ideológico), "Raiz & Utopia" agita idéias, e se locomove num espaço literário e político não muito comum em Portugal. O que por si já é suficiente para desejarmos longa vida à revista.

José Alberto Braga

**UTILUDISMO — A SOCIEDADE DA ARTE**, de Pedro Lyra. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1976, 117 pp. (Temas de Todo Tempo, 19)

O Autor, numa fundamentação crítica que abrange Hegel e Plekhanov, Lukács e Marcuse, Schiller e Fischer, entre outros, persegue com sobriedade intelectual uma dada exigência teórica: a de formular, com a maior clareza possível, o papel social da arte e da literatura. Seu percurso crítico, aparentemente contraditório em sua base bibliográfica, atinge salutar rendimento operatório na colocação dos problemas: na colocação e em seu desdobrar.

No primeiro capítulo, Pedro Lyra analisa a dialética arte/sociedade, sem levar em conta, como ele mesmo esclarece, uma abordagem de ordem histórica. Seu projeto crítico e teórico já se manifesta aqui: a necessidade de lutar por uma arte capaz de, ao "questionar o presente: o transe da civilização industrial", "preservar a sua natureza radicalmente humanística" (p. 51).

O capítulo seguinte abre-se para relações pertinentes à problemática em pauta: trabalho x prazer, moralidade x libido, estado x indivíduo. No terceiro capítulo; mais instigante, destaca-se a preocupação do ensaísta em verificar como se dá a produção da arte como forma de conhecimento, em função da dicotomia verdade/beleza. Numa das formulações mais conseqüentes, o Autor dirá: "a crise da arte é uma crise política. Só se resolverá quando se resolver o problema político da supressão da repressão, para que a arte possa desencadear a sua função lúdica ao lado da sua função utilitária" (p. 82).

Se o quarto capítulo discute questões importantes para todos nós (a defasagem arte/sociedade, o moderno conceito de belo etc.), preferimos destacar o quinto e último capítulo: A arte num mundo automatizado. O pensamento crítico de Pedro Lyra, nestas derradeiras páginas, revela-se mais depurado — pensamento este que, filtrado pelo saber literário, aponta para o saber sociológico sem, contudo, cair no vazio intelectual de um sociologismo estreito e tacanho.

Um livro introdutório, sem a menor dúvida, mas um livro aberto às grandes questões relacionadas com a difícil e sempre complexa problemática arte/sociedade.

Moacy Cirne

## MOVIMENTO EDITORIAL

● A Ode Marfítima de Álvaro de Campos (heterônimo de Fernando Pessoa) foi editada pela Universidade Nacional Autónoma da Ciudad de Mexico (UNAM), em tradução de Carlos Montemayor e com ilustrações de Daniel Kent.

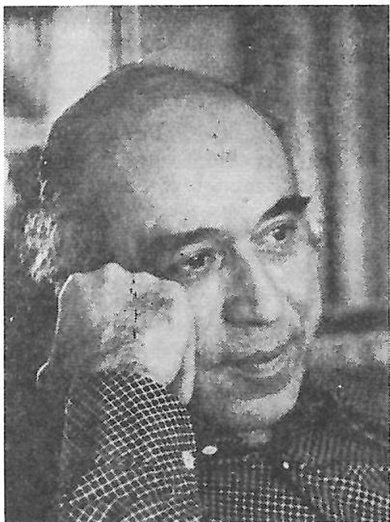
● Acaba de sair a 2ª edição de **A Letra e o Leitor** (Lisboa, Moraes Editores, 265 pp.), ótima coletânea de textos críticos por Jacinto do Prado Coelho, abordando temas como Camilo, Fernando Pessoa e Raul Brandão.

● A direção de "Arco-Íris — Caderno de Idéias Literárias", de que se publicou o quarto número, declarou recentemente à imprensa lisboeta que uma experiência poética de vanguarda é a "única força mental e estética capaz de impor literariamente uma realidade nova, nascida duma maneira de sentir as paisagens mentais que esta composição poética realiza no momento da sua concepção".

● A Comissão Nacional do Ambiente atribuiu ao livro **Valeria a Vida**, de Si-

dónio Muralha, o prêmio anual "O Ambiente na Literatura Infantil", de 1976, criado pela Secretaria de Estado do Ambiente. O valor do prêmio é de 20 contos.

● O "Círculo de Leitores" (sociedade de editora semelhante ao "Círculo do Livro" brasileiro) comemora o 40º aniversário da atividade literária de Fernando Namora com a edição especial do romance **Deuses e Demónios da Medicina**, uma coletânea de 22 biografias romaneadas que fornecem uma panorâmica de várias épocas.



Fernando Namora

● O conhecido ensaísta, historiador e professor universitário Vítor Sá reeditou o seu estudo sobre **Antero de Quental** (1ª ed. 1963), pela Ed. Limiar, com 296 pp.

● Na coleção "Saber", das Publicações Europa-América, de Lisboa, José Hermano Saraiva, ex-ministro de Estado e antigo Embaixador de Portugal no Brasil, lança a **História Concisa de Portugal**, manual que se propõe a fornecer uma nova visão da evolução política, social, económica e cultural de Portugal.

● Foi lançado na Galeria Tempo, em 31 de janeiro, a primeira de uma série de monografias sobre artistas modernos portugueses. Este volume (cartonado, 210 pp., 10 reproduções a cores e 97 em

preto e branco) é dedicado a **Mário Cesariny** e inclui textos de Raul Leal, Natália Correia e Lima de Freitas. Outro lançamento importante da Secretaria de Estado da Cultura para a compreensão da obra gráfica e pictórica de Cesariny foi "Textos de Afirmação e de Combate do Movimento Surrealista Mundial".

● A Fundação Calouste Gulbenkian publicou recentemente as **Atas do IV Congresso da Associação Internacional de Críticos Literários**, ocorrido em Lisboa, entre 30 de março e 2 de abril de 1976. Destaque para as comunicações de Eduardo Lourenço, Vergílio Ferreira, Melo e Castro, Fernando Guimarães, Palla e Carmo, Maria Alzira Seixo e Osório Mateus.

● Depois de um romance, "Imitação do Prazer" (Diabril Editora), e num período de apenas alguns meses, **Casimiro de Brito** publicou mais dois livros: "Prática da Escrita em Tempo de Revolução" (ensaios, Editorial Caminho, 174 pp.) e reedição de "Mesa do Amor" (poemas, 1ª ed. 1970), seguida agora de "Algarve Lugar Onde" (Editora Centelha, 88 pp.)

● Os mais significativos documentos políticos surgidos desde o período que antecedeu a queda do I Governo Constitucional até a fixação do Programa (na íntegra) do II, foram reunidos por Vítor Silva Lopes em **Crise 77/78 - Alternativas e Debates** (Ed. Autor. Distribuição do Centro do Livro Brasileiro, 304 pp.).

● Falando em política, os **Discursos, conferências e entrevistas** de Vasco Gonçalves alcançam a 3ª edição (Ed. Seara Nova, 440 pp.), com uma tiragem de mais 10 mil exemplares.

● Há 15 anos vencedor do Grande Prémio de Teatro da Sociedade Portuguesa de Escritores, com o seu livro "Condenados à Vida", Luís Francisco Rebelo dá-nos agora **Teatro de Intervenção**, cinco peças e um prólogo publicados pela Editorial Caminho, com 176 pp.

● António Carreira, do Centro de Estudos de Antropologia Cultural, um especialista em assuntos históricos e etnológicos cabo-verdianos, publicou pela Universidade Nova de Lisboa (Col. "Ciências Humanas e Sociais", 3, Série Investigação - Lisboa, 1977 334 pp.) uma mo-

nografia sobre as **Migrações** nas **Ilhas de Cabo Verde**. É também autor do importante estudo "Angola: Da escravatura ao trabalho livre — Subsídios para a história demográfica do século XVI até à independência".

● Maria Velho da Costa, uma das Três Marias das "Novas Cartas Portuguesas", continua desenvolvendo intensa atividade literária. Em 1977, saiu a 2ª edição de **Maina Mendes** (com pref. de Eduardo Lourenço) e publicou mais dois livros: **Português, Trabalhador, Doente Mental** (Lisboa, Seara Nova) e **Casas Pardas** (Col. "Círculo de Prosa", Lisboa, Moraes Editores, 394 pp.).

● Uma obra póstuma de Manuel Mendes, escritor que homenageamos no nº 2 de "Convergência", foi recentemente publicada pelas Edições António Ramos, com prefácio de Alexandre Pinheiro Torres. Trata-se de **Retratos de Alguns Portugueses** (Lisboa, 1977, 166 pp.), coletânea de estudos sobre Raimundo Ortigão, Soares dos Reis, Columbano, Raul Brandão, Aquilino Ribeiro, Mário Eloy, Rocha Martins e outros.

● Com capa do pintor Mário Silva, filho do biografado (que autografou e ofereceu pessoalmente um exemplar ao

RGPL), foi editado o livro **Mário Silva -- Professor e Democrata**, de Eduardo Caetano (Coimbra Editora, Limitada, 1977, 159 pp.). Na capa, o projeto da estátua a ser erigida no Museu Nacional da Ciência e da Técnica, em Coimbra, em memória do cientista recentemente falecido.

● Sairá pela Bertrand, de Lisboa, o primeiro volume de um **Diário de Vergílio Ferreira**, que cobre o período entre 1969 e 1976. No momento, o consagrado escritor está trabalhando num romance ainda sem título, tendo projetado também mais um romance e um longo ensaio na linha de "Invocação ao meu corpo".

● Dentro da Série "Leituras" que o Teatro da Cornucópia realiza às quartas-feiras, o prof. Eduardo Lourenço apresentou, em 1º de fevereiro, na Sala Manuela Porto do Teatro do Bairro Alto, o último livro de Sophia de Mello Breyner, **O Nome das Coisas**, seguindo-se a leitura de alguns poemas por elementos do Grupo da Cornucópia.

● Ensaaios e artigos que Adolfo Casais Monteiro escreveu entre 1935-1961, enfeixados no volume **A Poesia Portuguesa Contemporânea**, foram agora reeditados (col. "Descobrir Portugal". Ed. Sá da Costa, 338 pp.).

● Atualizando a vasta bibliografia sobre Alexandre Herculano, que fornecemos no último nº de "Convergência", indicamos agora as mais importantes obras publicadas em Portugal a propósito do Centenário da sua morte:

SERRÃO, Joaquim Veríssimo, **Herculano e a Consciência do Liberalismo Português**. Lisboa, Livraria Bertrand, 1977 253 pp.

BAPTISTA, Jacinto, **Alexandre Herculano Jornalista**. Lisboa, Livraria Bertrand, 1977 190 pp.

PRADO COELHO, Jacinto do, "Herculano Poeta: Cambiantes e Tensões". **Colóquio/Letras**, nº 41. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, janeiro de 1978.

MEDINA, João, **Herculano e a Geração de 70**. Lisboa, Edições Terra Livre, 1977 196 pp.  
ACADEMIA PORTUGUESA DA HISTÓRIA, **Alexandre Herculano à Luz do Nosso Tempo**. Ciclo de Conferências (7-I/25-III-1977). Lisboa, 1977 388 pp.

Este volume, patrocinado pela Direção-Geral do Património Cultural, contou com as seguintes colaborações, publicadas também em separatas:

— **Introdução** (pp. 9-10); **Herculano — Homem Romântico ou Liberal?**, Francisco da Gama Caiiro (11-33); **Ainda e Sempre o Problema de Curique**, António Brásio (35-48); **A Arte Medieval Portuguesa na Visão de Herculano**, José-Augusto França (49-67); **Reflexões sobre uma Página de Herculano: a Deposição de Sancho II**, Eduardo Brazão (69-92); **Considerações em Torno do Livro de Herculano "Estudos sobre o Casamento Civil"**, Isaías da Rosa Pereira (93-139); **As Origens do Povo Português e Alexandre Herculano**, Fernando de Almeida (141-177); **Herculano e a História Social e Económica**, Humberto Baquero Moreno (179-199); **Amigos e Correspondentes de Alexandre Herculano**, Francisco d'Assis de Oliveira Martins (201-281); **Da Personalidade Militar de D. Afonso Henriques**, Luís Maria da Câmara Pina (283-321); **A Civilização Árabe na Obra de Herculano**,

António Dias Farinha (323-340); **A Formação Jurídica de Herculano: Fontes e Limites**, Martim de Albuquerque (341-352); **O Significado de Vale de Lobos**, Joaquim Veríssimo Serrão (353-388).

● Algumas obras recebidas pela biblioteca do Real Gabinete Português de Leitura:

- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner, **O Nome das Coisas**. Lisboa, Moraes Editores, 1977 80 pp. (Col. "Círculo de Poesia")
- B.N. — José de Alencar, Catálogo da Exposição comemorativa do centenário de morte, 1877-1977, organizado pela Seção de Promoções Culturais. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1977 92 pp. e reproduções fotográficas das folhas de rosto das 1<sup>as</sup> edições das principais obras de J. A.
- BOXER, Charles Ralph, **O Império Cononial Português**. Lisboa, Edições 70, 1977 470 pp. (Col. "Textos de Cultura Portuguesa", 3) Trata-se de uma tradução de Inês Silva Duarte de "The Portuguese Seaborne Empire 1415-1825" (1969) do inglês conhecido como o "historiador do Índico".
- DIAS, Augusto da Costa, **A Crise da Consciência Pequeno-Burguesa: O Nacionalismo Literário da Geração de 90**. 3<sup>a</sup> ed. Lisboa, Editorial Estampa, 1977 361 pp. ("Obras de Augusto da Costa Dias", 2 — 1<sup>a</sup> ed. Lisboa, 1962).
- ELIADE, Mircea, **Tratado de História das Religiões**. Pref. de George Dumézil, do Collège de France. Trad. Natália Nunes e Fernando Tomás. Lisboa, Edições Cosmos, 1977 552 pp. (Col. "Coordenadas", dirig. por V. M. Godinho) Mircea Eliade é prof. da Universidade de Chicago.
- FERREIRA, Manuel, **Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa**. 2 vols. Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa — MEIC, Secretaria de Estado da Investigação Científica, 1977 142 e 152 pp. (Col. "Biblioteca Breve", 6 e 7).
- FREIRE, António, **"O Destino em Florbela Espanca"**. Porto, Edições Salesianas, 1977 104 pp. António Freire é professor da Faculdade de Filosofia de Braga.
- GEADA, Eduardo, **O Imperialismo e o Fascismo no Cinema**. Lisboa, Moraes Editores, 1977 220 pp. (Col. "Temas e Problemas" — Série: Teatro/Cinema)
- GODINHO, Vitorino Magalhães, **Pensar a Democracia para Portugal — Incômodamente**. Lisboa, Editora Gráfica Portuguesa, Ltda., 1977 383 pp.
- GONÇALVES, Fernão de Magalhães, **Sete Meditações sobre Miguel Torga**. Coimbra, Gráfica de Coimbra, s/d 121 pp.
- LETRIA, José Jorge, **Coração em Armas**. Lisboa, Livros Horizonte, 1977 71 pp. (Col. "Horizonte" — Poesia, 5)
- LOPES-GRAÇA, Fernando, **Escritos Musicológicos**. Lisboa, Edições Cosmos, 1977 257 pp. ("Obras Literárias de Fernando Lopes-Graça")
- MACEDO, Helder, **Do Significado Oculto da Menina e Moça**. Lisboa, Moraes Editores, 1977 138 pp. (Col. "Temas e Problemas", Série: Literatura/Ciências)
- MARQUES, António Henrique de Oliveira, **Para a História dos Seguros em Portugal. Notas e Documentos**. Lisboa, Editora Arcádia, 1977 296 pp. (Col. "Temas Portugueses", 4)
- MOURA, Frederico de, **Vestígios de Miguel Torga**. Barcelos, Companhia Editora do Minho, 1977 82 pp.
- MURTEIRA, Mário, **Política Económica numa Sociedade em Transição**. Lisboa, Moraes Editores, 1977 231 pp. (Col. "Temas e Problemas")
- PINA, Álvaro, **Soeiro Gomes e o Futuro do Realismo em Portugal**. Lisboa, Editorial Caninho, 1977 100 pp.
- RÉGIO, José, **Páginas de Doutrina e Crítica da "Presença"**. Porto, Brasília Editora, 1977 361 pp. ("Obras Completas") Ensaio publicado postumamente com prefácio e notas de João Gaspar Simões.
- REBELLO, Luiz Francisco, **Combate por um Teatro de Combate**. Lisboa, Seara Nova, 1977 233 pp. (Col. "Argumentos", 26)
- RIBEIRO, Orlando, **Introduções Geográficas à História de Portugal — Estudo Crítico**. Lisboa, Imprensa Nacional — Casa da Moeda, 1977 230 pp. (Col. "Estudos Portugueses", 3)

- ROSA, António Ramos, *Boca Incompleta*. (poesias) Lisboa, Editora Arcádia, 1977 106 pp. (Col. "Licorne", 4)
- SEIXO, Maria Alzira, *Discursos do Texto*. Amadora, Livraria Bertrand, (1977) 372 pp. (Col. "Crítica Hoje", 2)
- SENA, Jorge de, *O Físico Prodigioso*. Lisboa, Edições 70, 1977 135 pp.
- SENGHOR, Léopold Sédar, *Poemas*. Trad. Luiza Neto Jorge. Lisboa, Ed. Arcádia, 1977 260 pp.
- SERRÃO, Joel; MARTINS, Gabriela, *Revolução Industrial e Aceleração da História*. Antologia organizada por . . . (textos de W. W. Rostow, P. Goubert, A. Toynbee, Paul Mantoux, A. Tocqueville, Charles Morazé, Marx/Engels) Fundão, Jornal do Fundão Editora, 1977 189 pp.
- SIMÕES, João Gaspar, José Régio e a História do Movimento da "Presença". (autobiografia). Porto, Brasília Editora, 1977 370 pp. ("Obras Completas")
- TAMEN, Pedro, *Vinte Anos da Poesia Portuguesa*. Org., pref. e notas de . . . Lisboa, Moraes Editores, 1977 357 pp. (Col. "Círculo de Poesia", 79) Este volume assinala o 20º aniversário da coleção.
- SEABRA, José Augusto, *Desmemória*, com uma De(s)leitura de Norma Tasca. (poesia) Porto, Brasília Editora, 1977 77 pp.
- VENTURA, António, *Subsídios para a História do Movimento Sindical Rural no Alentejo (1910-1914)*. Lisboa, Seara Nova, 1976 189 pp. (Col. "Seara Nova", 24)

**Composição e Impressão**  
**IMPRINTA**  
**Rua Sacadura Cabral 107**  
**Tel. 243 2647 Rio de Janeiro RJ**